

# A ALMA NOVA

SEMANARIO REPUBLICANO ACADEMICO

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS

BRAGA, 20 DE ABRIL DE 1893

## AOS NOSSOS CHEFES

Ha dois annos já que o paiz espera impacientemente um movimento decisivo, uma remodelação radical que lhe dê vida que lhe inculque um sangue novo.

Portugal tem vivido n'um *status-quo* de misérias e de viuvez, regias no meio de uma pasmosa depressão moral das consciencias publicas que vae anniquilando vertiginosamente a vitalidade da nação sem honra e sem brios.

O estrangeiro mira-nos de soslaio afiando as garras para desferir a affronta.

Succedem-se os ministerios do rei uns apoz outros, o abismo continúa insondavel a nossos pés, a banearrota escancara a bocca infecta, a miséria alastrando sempre e a imigração roubando-nos os braços.

As falcatrues dos cofres publicos germinando impunemente, os impostos onerosos sobrecarregando tudo e o thesouro exausto.

Uma vida tristissima de escandalos e de roubos.

Se continuarmos assim, n'este indifferntismo atroz, amanhã ouviremos, de braços cruzados, n'uma attitude estúpida de doidos larvados, os clarins da Europa notificando ao mundo inteiro que outros senhores mais civilisados virão colonisar este torrão selvagem.

E' o ultimo *festim* que uma dynastia gasta e pôdre marcará na historia d'um povo indolente.

Mas não, ainda ha no paiz quem queira e saiba arcar com as difficuldades, quem tenha dignidade e honra.

E' d'esses, que não macularam a sua consciencia pura nas falcatrues constitucionaes, que o povo espera tudo, é d'elles que a nação espera o seu rejuvenescimento social porque dos outros, dos velhos parasitas da monarchia, nada ha a esperar senão esbanjamentos e emprestimos.

Todavia uma corrente de justissima censura, engrossando dia a dia, vae envolvendo os nossos chefes, de quem o paiz aneia uma re-

solução definitiva e urgente, pela demora do momento decisivo.

Assim é impossivel continuar, o povo portuguez está plenamente predisposto para um systema digno e sabio que possa legitimar a Razão e a Justiça.

O medo lavra já indistinctamente em todos os arraiaes monarchicos.

Mãos á obra e não olhemos para traz.

Haja uma cabeça, duas ou tres que nos dirijam na lucta e nós caminharemos firmes com os olhos fitos no grande dia.

A victoria é certa, nada de tibiezas, marchemos para a frente.

Enthusiasmo.

**Quem amará a monarchia e odiará a Republica?**

**Só quem costuma dar as mãos para aceitar aquillo que lhe não pertence.**

R. B.

## ÁVANTE

Dissemos no ultimo numero d'este jornal que a Religião e a Democracia seriam a substancia das nossas crenças, o alvo das nossas esperanças, as nossas aspirações todas.

Dissemol-o e repetimol-o.

Queremos a Religião e a Democracia uma como o meio mais facil e certo para a Moralidade dos povos, a outra como unico baluarte seguro para a manutenção da Justiça.

E Moralidade e Justiça... não são coisas vulgares e triviaes que se deparem por ali em qualquer parte, não são a personificação do caracter, como devia ser, dos que nos governam, nem a estrada emfim, por onde Portugal caminha actualmente.

Moralidade e Justiça... essas entidades celestes que Deus estima, a Religião venera, e os homens admiram, essas ideias veneraveis e augustas que constituem a sublimi-

dade da Sciencia e da Virtude, esses archanjos tutelares cujos pés tocam nas consciencias dos bons, e os dedos de luz nas estrellas, só apparecerão n'um meio que as apprehenda e fomite e lhes dê largas para a livre realisação de seus nobres fins.

E este meio é a Democracia.

E' a democracia, como o tem demonstrado até aqui, todas as theorias e observações e como se demonstrará para o futuro, pois n'ella convergem, actualmente todos os olhares.

Ora se a Democracia tem em vista tão nobre e alevantado fim, se a Democracia forceja salvar uma nação das derrocadas e cataclysmos que a ameaçam, se a Democracia o pede, quer e pode, porque razão havemos de obstar a realisação de tão util e necessario qual importante e humano fim?

Já é tempo de considerar n'isto já é tempo de vêr que a Monarchia nos não salva, porque não pode, e já é tempo de levantarmos o grito da insurreição contra o absurdo systema que nos rege e contra esta gentalha que nos vai tirando, dia a dia, o pão e a honra.

Venha, pois, a Democracia! Sejamos homens... e seremos Democratas.

**As magestades pasceiam; os ministros esfolam-nos; os grandes divertem-se á nossa custa, e tu Zé Povo quando accordarás?**

**D. Maria Pia**

Paris, 15:

«A rainha D. Maria Pia recebeu hontem em Paris numerosas visitas, entre outras a da Duquesa de Chartres do Embaixador de Italia sr. Bessma que também a fôra esperar á estação, também a dos snrs. Emygdio Navarro Develle, ministro dos extrangeiros».

Consta que amanhã irão cumprimentar também sua magestade os credores extrangeiros.

## SECÇÃO LITTERARIA

### LIBERDADE

Tu, que despontas astro auri-fulgente  
N'um horizonte tão cheio de esperança,  
E's para nós estrella de bonança,  
Visão celeste d'amoroso crente...

Se um dia encobre teu fulgor ardente,  
Seja uma nuvem ou desconfiança,  
Logo o brilho que teu rosto lança,  
Desfaz a nuvem em um ceu luzente...

Deitas por terra a vil escravidão,  
Ah! do povo essa eterna maldição  
Que lh'abafa o grito da Verdade.

Por isso um raio furibundo  
Diremos, ecoando em todo mundo:  
— Vive tu deusa ideal ó Liberdade!

Um Apostolo.

### O CEMITERIO

Palavras do luctador aborrecido:

«O Vento geme no feral cypreste  
Pia o môcho na marmorea cruz;  
.....

Tudo p'ra mim n'este mundo é agresto,  
Dôr, tristeza, miseria, pês!

Quem ouviu, indiscretamente disse:

Lansado de soffrer, em vão anseio  
Justo, o Bello! — O' terra abre-me o seio!  
Bastante enfim soffri!  
Estou lasso do Vicio e da Impostura!  
Bem sei que a terra é fria, a cova escura  
E tudo acaba ahí!

Com que palavras duras e de pêso  
se pôde escrever o taciturno campo dos  
mortos?! Se se deseja, é porque nos  
persegue o remorso, como a Luthero,  
cujas palavras no cemiterio de Wormo,  
oram:

Mortos! eu vos invejo! — As frias lagens  
Cobrem-vos, hoje, os corações desfeitos!...  
As brancas pombas vôm n'esses leitos...  
E as meigas aves gemem nas folhagens!  
A natureza enflora os vis defeitos...  
Hí nas estatuas, urnas, nas imagens!  
E ahí enfim, contentes, satisfeitos,  
Vós descançais das lugubres viagens?..

Que peso sobre a nossa consciencia,  
que doutrina mûda e sã para a nossa  
alma, que commoção fortissima para o  
nosso coração, que mudança de senti-  
mentos e de vida, inspira o profundo  
silencio d'um cemiterio!...

N'este campo deserto de viventes,  
onde tudo falla para atemorizar o incre-  
dulo, um dia tudo bradava misericórdia;  
conçava valente o trovão precedido da  
luz brilhante e instantanea do fluido  
electrico, que se refractava para quem  
allí estava ultrajando Deus e os mortos.  
Era um soberbo comprehendedor da  
natureza, meteo-ro fingido da sciencia,  
velho trabalhador do laboratorio, escas-  
so luseiro de Chimica, um toleirão mo-

derno naturalista, e amador d'um peda-  
ço de philosophismo, algum tão velho,  
que já não lembrava apontal-o na Seko-  
lastica, para se lastimar a loucura a  
que chega a razão humana no seu tra-  
balho gigantesco, cumulo d'empresas  
descomedidas, que retalham a modestia  
e a fazem ir occupar a soberbia e o or-  
gulho.

Uma filha chorava apenas n'aquelle  
campo silencioso, que sempre faz lem-  
brar a vida d'alguem.

Aquelle homem animado d'uma alma  
sem virtude, dotado d'um coração sem  
a natural sensibilidade, primeiro insulta-  
va immensamente a Verdade e a Fé;  
Deus e a todos em geral. Era atheu.  
Mas n'aquelle campo inspirador costu-  
ma fallar o morto para mover ou ater-  
rar o vivo de suas relações passadas  
ou que ainda está preso por algumas  
relações sublimes, principalmente de  
pai! Ouvindo a voz da consciencia e  
mostrando-lhe esta como estava maltra-  
tada a flôr da sua razão, foi coagido a  
derramar copiosas lagrimas sobre a cam-  
pa de sua filha, a quem em vida cha-  
mava *anachoreta e mulher da magia*,  
por ter o caracter da Verdadeira Reli-  
gião, professar fielmente os mandamen-  
tos d'aquella arvore Vivificadora do  
Christianismo.

Muitas vezes ella era encontrada no  
seu quarto — *bella posição!* — com o  
crucifixo encostado aos labios e os olhos  
levantados ao ceu, n'uma attitude de  
prece fervorosa. No mundo, affastada  
de todo o delicto, sempre a rodeavam  
anjos do ceu, que como ella mesma,  
tanto estimavam sua virgindade, a cu-  
jo aspecto cahia a bandeira de Sata-  
naz, que barrifa de vergonhas o joven  
desde a primeira idade.

Fallou-lhe, pois, sua filha: Considere  
rae ao menos nas palavras do aborre-  
cido, que ainda vivo veio habitar este  
deserto—

E o Omnipotente, meu pai,  
Tem estado muito irado  
Mas aqui um meditado ai  
Pelos ditosos e amigos inspirado  
Nem duvida que desarmara  
Aquelle dextra forte e potente  
Da qual logo o raio se sumirá  
Sem hesitação e de repente...

Disse ao ouvinte octagenario o abor-  
recido:

«O que importa! — melhor é que pereças  
Antes na terra allí tu apodreças  
Do que n'essas paixões.

Calculos vão! contemplanções pequenas!  
Seculo vil d'aspirações terrenas!  
Cain do Pensamento!  
Matas as creanças e os sonhos puros

A Morte! A Morte é o termo das tristezas!  
E' allí que enfim que livre das torpezas!  
Se pôde ser feliz!

Maximinos, Abril de 1893.

Adácio Brek.

## A PATRIA

Virgem formosa, sem valor, sem forças  
Hoje no lodo, outr'ora nos espaços...  
Na sua fronte inda brilha a esperança,  
Dorme-lhe um anjo nos amantes braços.

O Anjo, accorda e surge impetuoso  
E n'este dia a Liberdade raioi!...  
E a Patria de pobre e abatida,  
Aos céus, em côros d'anjos, remontou!

M. S.

A democracia chama-  
se hoje França, chamar-  
se-ha amanhã Europa.

## PORTUGAL

E o Abaixo e o Crime e a Infamia-gran-  
grenosa escoria.  
Vieram transformal-o, a clara luz da  
Historia.  
Em postulento lazaro a cevar varças!  
«Gonçalves Cerejeira».

Minha pobre patria! Minha pobre  
mãe! Abaixa para mim o teu terno olhar  
d'esse calvario onde estás e dize-me:

Quem te prostrou no leito?

Quem concorreu para que o teu no-  
me outr'ora tão fallado seja hoje esque-  
cido por aquelles que se honravam em  
te obedecer!

Onde estão os nomes d'esses heróis  
que em perigos e guerras esforçados  
levaram a civilização a mundos desco-  
nhhecidos por mares nunca d'antes  
navegados?

Onde está o respeito que tu inspira-  
vas ás nações quando levantavas o pen-  
dão das Quinas dizendo: «A união faz  
a força contra a força não ha resisten-  
cia, em nós ha duas cousas sagradas a  
defender: «A patria e a honra».

Rasguem-nos muito embora o peito  
para nos tirar o coração; deem-nos a  
dura morte dos Condemnados e nós  
morreremos com a fronte aureolada de  
louros e ainda com a voz fraca e tre-  
mula d'remos:

Viva a Patria.

Viva Portugal.

Levanta-te ó Cabral! Levanta-te o  
Gama!

Accordai d'esse lethargo profundo.  
Vinde vêr a vossa patria saltando do-  
lorosos ais na dura enxerga do hospi-  
tal!

Vinde chibatar os nossos maiores  
que nos estão roubando a ultima ca-  
misa e entregando deshonradamente ao  
poder estrangeiro!

O' que doloroso transe! Por mais  
que brademos com toda a força dos  
nossos pulmões não somos ouvidos.  
Por mais que luctemos com esta gente  
não podemos hoje sair vencedores mas  
sim amanhã que estas almas novas hão  
de reconhecer o perigo que nos amea-  
ça e o desprezo a que chegamos.

Diz a Vulgata:



«Quando chegar a hora do juizo final soará no ar uma trombeta chamando os mortos á vida e os vivos á morte».

Nós diremos: Quando chegar a hora da emancipação do povo soarão no ar os clarins de guerra chamando os patriotas á lucta para defender a Patria-Mãe, reclamando os seus direitos e então ao toque da Portuguesa, empunhando os velhos bacamartes, diremos n'um grilo unanime:

«Viva a Patria!  
«Viva a Liberdade!  
«Viva o Progresso!  
«Viva Portugal».

Teixeira.

### A fortuna de Lopo Vaz

Mais revelações da *Folha do Povo*:

«Ainda não está concluida a avaliação dos bens do fallecido Lopo Vaz, o tal que morreu pobre, segundo disseram todas as gazetas monarchicas, e que deixou uma fortuna de uns poucos de centos de contos de reis.

Nós aguardamos os resultados d'essa avaliação para a commentarmos devidamente.

E é possível que tenhamos de fazer algumas considerações a respeito do modo como este processo de inventario tem sido feito.

Por agora notamos só que o deposito de 210 contos feito em Londres pelo fallecido Lopo Vaz, só apparece no inventario porque o banco de Inglaterra se não prestou a sancionar uma batota.

Fizeram-se altissimos esforços para levantar esse deposito antes de se instaurar o processo de inventario».

Povo! Avalia por esse, a caterva ministerial que nos tem governado.

Morrem todos com a innocencia das virgens e rebentam depois como tortulhos as suas escamoteações no vosso dinheiro.

### Viajata regia

Diz *A Reforma*:

«Não pensem que se não sabe por lá o que se tem passado em Lisboa para se obter recursos para essa viagem real. Ninguém ignora que o snr. Fuschini—e honra lhe seja, excepcionalmente—se recusou a fornecer sob qualquer titulo, os lundros para a viagem; que essa recusa causou grande desgosto em elevadas regiões e chegou a manifestar-se n'um epitheto aspero com que alguém, auctorizado pelos annos e por laços sacratissimos de sangue, classificou a submissão, aliás muito ajuizada, de um alto personagem á recusa do ministro; que depois se andou batendo a varias portas para se obter os

meios necessarios para o custeio da viagem real e que ao cabo de outras recusas se conseguiu um emprestimo feito pela companhia dos tabacos».

«O snr. conde de Burnay quando ultimamente esteve em Thomar, mandou distribuir 200\$000 reis pelos pobres da freguezia de Santa Maria».

Será alguma restituição?

Em todo o caso é um philantropo ás mãos cheias este judeu renegado.

### Titulares relaxados

Pelo primeiro e segundo bairro de da cidade de Lisboa foram passados muitos mandados contra outros tantos titulares que não pagaram os respectivos direitos de mercê.

A um outro titular, que é amanuense, foram penhorados os vencimentos por forma que fica seis annos sem receber um real.

Quando se fará aqui por Braga o mesmo?

### Agua e Trancoso

Acabamos de saber que estes dois nossos collegas que haviam requerido a reintegração no quadro de facultativos do ultramar não foram attendidos na sua petição justa, como todos esperavam.

Obras do snr. Neves Ferreira. Foi uma injustiça revoltante que deixa um stigma no coração de todos os academicos patriotas.

Tolher a carreira aos dois jovens esperançosos, é repugnante e vergonhoso.

Desfazer todas as esperanças do futuro a dois moços cheios de vida, de ardor, de intelligencia e de sentimentos muito mais dignos e levantados que os dos seus inimigos é asqueroso e pede uma vingança.

**Povo! acorda já, se queres despertar portuguez; se te reservas para mais tarde, despertarás sob o dominio estrangeiro.**

### O Socialismo

A Belgica tem sido ultimamente abalada por grandes tumultos, movidos pelos operarios em greve e que n'esta nação já attinge o numero de 80:000.

Todos os dias os jornaes nos trazem noticias d'essas sublevações

populares, em que apparecem sempre mortos e feridos.

Na Hespanha tambem ultimamente tem havido alguns *meetings* de propaganda anarchista.

Na França são verdadeiramente monumentaes os preparativos para as manifestações de 1 de Maio. E este anno serão mais estrondosas que outro qualquer.

Cá em Portugal tambem se esperam algumas manifestações n'esse dia em Evora e em Silves e sobre tudo n'esta em que se projecta um grande banquete operario.

### Club Commercial

Realisa-se no dia 23 do corrente mez a inauguração solemne da fundação do Club Commercial d'esta cidade.

A Direcção dignamente presidida pelo nosso particular amigo exc.<sup>mo</sup> snr. Manoel Joaquim Alves Faria tem envidado os maiores esforços a fim de realizar uma festa digna dos seus promotores.

O programma consta de uma sessão solemne na qual tomarão parte os srs. dr. Carlos Braga, dr. Braulto Caldas, conego José Maria Gomes e Manoel Borges, digno abade de Athêv, seguindo-se uma *soirée* offerecida ás familias dos exc.<sup>mos</sup> socios.

Agradecemos o convite que nos foi dirigido.

### A Imprensa

Agradecemos ás redacções dos jornaes que permutaram com o nosso e em especial aos que o annunciaram e fizeram referencias favoraveis.

## EXPEDIENTE

Pedimos a todos os cavalheiros a quem tomamos a liberdade de enviar o jornal a fineza de o devolverem, no caso de não nos quererem honrar com a sua assignatura.

### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Trimestre 300 — Mez 100 reis.

Para fóra de Braga acresce a differença do correio.

Os originaes, sejam ou não publicados, não se restituem.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua de S. Marcos, 78—BRAGA.

## PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

# Portugal Jesuita

POR

M. Borges Grainha

Confirmação e continuação da obra do mesmo auctor, intitulada :

• Os Jesuitas e as Congregações Religiosas em Portugal nos ultimos trinta annos •

... novo livro é todo baseado em documentos e em provas e já tem sido elogiado pelo sr. Rodrigues de Freitas, e por grande parte da imprensa liberal

Um grosso volume de 512 paginas dividido nos seguintes capitulos :

## PRIMEIRA PARTE

## Conhecimentos geraes

Os jesuitas estudados por auctores illustres—Resumo da historia geral dos jesuitas—A sciencia dos jesuitas—As missões dos jesuitas entre barbaros.

## SEGUNDA PARTE

## Processos de defeza

Como os jesuitas se defendem—O sr. padre Correa Portocarreiro—O director da Ordem—Antonio José Rodrigues da Silva Gandra—Os jornaes catholico-jesuitas—Monsenhor Almeida Silvano—O sr. padre Martins Capella—Um protesto de familia—Uma excepção honrosa—Os defensores occultos.

## TERCEIRA PARTE

## Meios de propaganda

A propaganda jesuitica—Os exercicios espirituaes—As associações devotas—O confessorio—O ensino.

## QUARTA PARTE

## A acção Jesuitica em Portugal

A acção jesuitica em Portugal—O collegio de Campolide—O convento do Barro—O collegio de S. Fiel—A grande accusação dos meus adversarios—A casa e a egreja dos jesuitas na Covilhã—Os jesuitas em outras cidades.

Preços, 600 réis brochado, ou 800 réis cartonado.—Pelo correio, 640 ou 850 réis.

Requisições a Augusto Costa, largo de S. Roque, 8, Lisboa.

A' venda em todas as livrarias de Portugal e Brazil.

Em Braga, em todas as livrarias.

## ANNUNCIOS

## NOVIDADES LITTERARIAS

Á VENDA NA

## LIVRARIA CENTRAL

P. do Barão de S. Martinho, 40, 41 e 42  
(A' entrada da rua do Souto)

BRAGA

## A INGLATERRA D'HOJE

(Contos d'um viajante)

Por Oliveira Martins

Brochado, 600 rs. Encadernado 800

## OS SIMPLES

(Nova edição). Brochado, 700 reis.  
Com uma linda encadernação, 950.

## O PIANO

(ROMANCE)

Por Carlos Faria

Um volume illustrado por A. Sobral.  
Brochado, 500 reis. Encadernado, 800 reis.

## A QUESTÃO SUPREMA

Por Alves Mendes

Brochado, 400 reis.

Além d'estes encontram-se sempre todos os livros adoptados no lyceu, seminarios, escolas primarias, livros religiosos, direito e scientificos, etc. (1)

## PASTELARIA SUISSA

23 — Rua de S. Marcos — 25

BRAGA

Esta casa apresenta todos os dias diversas qualidades de pasteis, doces, carne, e marisco, assim como tem sempre lingoa, e presunto de fiambre.

Grande variedade de vinhos, licôres, cervejas, refrigerantes, limonadas, gazosas, etc., etc.

Encarrega-se de qualquer encomenda n'esta cidade e provincias.

## PASTELARIA SUISSA

BRAGA (3)

BRAGA

IMPRESA GRATIDÃO  
43, Rua de S. Marcos, 43

Editor responsavel  
Manoel Antonio de Paiva.

PAPEIS PINTADOS PARA FORRAR SALAS

## RAMOS &amp; CARVALHO

3, LARGO DE S. FRANCISCO, 3

BRAGA

Acabam de receber directamente, da importante Fabrica, Huntington Frères, de Paris, um grande sortimento de papeis pintados para forrar salas, dos mais bonitos e variados gostos, e os mais modernos desenhos, que vendem aos preços de 60 reis até 25000 reis cada peça, assim como tem tambem grande sortimento e variados desenhos de papeis de todas as fabricas nacionaes.

Chamam porisso a attenção dos seus numerosos e respeitaves freguezes para os artigos que annunciam e bem assim para o bom sortimento de tintas e vernizes para pintura o que tudo recebe directamente do estrangeiro, como oleo genuino de linhaga, cimento de Portland, alvaides, etc., etc. o que tudo vendem por preços excessivamente baratos.

Filiad, 162—Rua de S. Vicente—166

BRAGA (3)

Antiga fabrica de lumes  
de pau com enxofre

DE

## OLIVEIRA &amp; IRMÃO

Largo da Devezza n.º 1

BRAGA

Esta, fabrica por ser a mais antiga d'esta cidade e empregar os melhores processos até hoje conhecidos, é a que mereço mais accitação nas provincias.

Remettem-se amostras e preços a quem os pedir. (2)

## PARA EXAMES

José Maranhã Lopes Serra, continúa a leccionar em Braga, á rua de Santo André n.º 82, instrucção primaria, portuguez e francez.

(4)